

**CRIANÇA OU PROFESSOR:
O LEITOR DA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS**

Angela Corrêa Ferreira Baalbaki (UFF)
angelacf@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O trabalho tem como objetivo analisar dois encartes intitulados “Dicas do Professor” da revista *Ciência Hoje das Crianças*, uma publicação do Instituto *Ciência Hoje* – uma organização social de interesse público sem fins lucrativos, vinculada à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) –, cuja principal meta é a divulgação da ciência para a sociedade.

Nossa principal questão de investigação está relacionada à imagem de leitor que é construída discursivamente pela revista. É possível identificar dois leitores previstos: a criança (tal como está inscrito no título da revista) ou o professor (tal como está inscrito no encarte inserido no interior da revista). Em relação ao presente trabalho, buscamos identificar as imagens do professor.

Utilizamos como fundamentação teórica os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de linha francesa inaugurada por Michel Pêcheux. Para essa escola, o discurso é entendido como efeito de sentidos, e dizemos sentidos (no plural) por considerá-los múltiplos.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ESCOLA

Orlandi (2004), ao analisar o funcionamento da ciência na sociedade, constata que o leitor de divulgação científica “sabe que x é”, mas “não sabe x ”. Trata-se do efeito de informação científica, no qual o discurso do senso comum e o da ciência são colocados em contato. Segundo a autora, há, nessa representação, uma didatização do discurso da ciência; entendendo por didatização o discurso sobre a ciência.

Por variados procedimentos vai aparecer o termo científico ao lado de descrições, sinônimos, perífrases e equivalências e etc., deixando à vista o processo pelo qual o discurso científico se apresenta como uma

ANÁLISE DO DISCURSO

retomada. Essa didatização é parte da encenação que dá eficácia e credibilidade a este discurso. (Orlandi, 2004, p. 143).

Ocorrem, portanto, dois movimentos, a saber: a “didatização da mídia” e “mídiatização da escola”. O primeiro caracteriza-se por ocorrer fora da escola, o segundo, é considerado a mídiatização do discurso científico na escola, visto como um lugar de divulgação e não de produção de conhecimento. As terminologias são usadas excessivamente para produzir o efeito de cientificidade.

Pfeiffer (2001), em seu artigo “Escola e divulgação científica”, discute como a mídia produz o discurso de divulgação científica e o modo pelo qual ela é tomada como lugar de suprimento de instrumentos pedagógicos. Para a autora, “a mídia ocupa, de um lado, um lugar de substituição do livro didático dentro da sala de aula e, de outro, o lugar da própria escola, tendo como missão [destaque da autora] o fornecimento de um conhecimento à distância” (2001, p. 41).

Desde meados da década de 80, segundo Pfeiffer (2001), a mídia, principalmente a imprensa, vem sendo marcada, em seu funcionamento, pelo uso escolar, que pode ser caracterizado de duas formas: como instrumento didático diário (semelhante ao uso do livro didático) e como base para formulação de questões de exames admissionais em universidades e escolas técnicas. Para a referida autora, os textos jornalísticos, em sua superfície textual, apresentam-se a como defensores da educação de qualidade, ao mesmo tempo que, ilusoriamente, teriam a função de resgatar a falida educação brasileira. Como isso seria possível?

Ao apresentar um conhecimento de forma didatizada, a mídia estaria transmitindo conhecimentos para alunos e professores, promovendo a reciclagem para os últimos que, por suas condições de trabalho (baixos salários, número extenso de aulas, número excessivo de alunos em sala de aula, etc.), não teriam como realizar cursos de formação continuada. A mídia seria um agente de democratização da educação – informando todas as instâncias que compõem/constituem o processo ensino-aprendizagem, configurando um funcionamento no campo discursivo da mídia. Para Pfeiffer (2001, p. 42-3),

Este funcionamento pode ser observado em processos discursivos [destaque do autor] que deslocam a escola de sua legitimidade de ensinar, desautorizando-a, a partir do ato denunciativo que “esclarece” à população que os professores são despreparados, os alunos não aprendem e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a escola não tem condições estruturais para atender seu público; ao mesmo tempo em que traz, ao domínio da população, de forma “democrática” e com “maior abrangência”, todas as últimas novidades em termos tecnológico; assim como “abre” espaço para os intelectuais exporem suas idéias sobre a sociedade em que vivemos.

A divulgação científica seria a tábua de salvação da educação. Pfeiffer (2004), defende que, sob esse prisma, a mídia teria a “tarefa de ocupar o lugar da falta”. Para Moirand (2000: 21), as formas de encaenação do saber na mídia parecem responder a uma representação estereotipada da didatização e destaca também que a necessidade da formação, tão imperiosa na atualidade, “torna-se um percurso obrigatório em um período de crise de emprego de que a escola é considerada em parte responsável (opinião que, aliás, a mídia difunde não sem complacência)”.

A REVISTA E SUA INSERÇÃO NA ESCOLA

A revista *Ciência Hoje das Crianças* iniciou sua publicação como um encarte da revista *Ciência Hoje* no ano de 1986. Inicialmente, era destinada aos filhos dos leitores da revista *Ciência Hoje*. Em 1989, após uma avaliação técnica realizada por uma comissão nomeada pela diretoria da SBPC, constatou-se a possibilidade de publicação independente.

Desde então, a revista passou a contar com um conselho editorial próprio e, a partir de setembro de 1990, foi transformada em uma revista independente. Um fator preponderante na colaboração da independência editorial da revista foi a compra de vários exemplares, cerca de 50 mil, pela FAE destinados ao projeto Sala de Leitura.

É importante ressaltar que a revista não só mudou sua forma de circulação (de bancas de jornais para bancos escolares), mas também seu público-alvo. Se, em sua fase inicial, os leitores eram os filhos dos leitores de *Ciência Hoje*, com a entrada na escola, via “Sala de Leitura”, a revista passou a ter como leitores tanto alunos quanto professores de escolas públicas de vários municípios brasileiros.

Atualmente a maior parte dos recursos financeiros da CHC são oriundos do Ministério da Educação, responsável pela compra de mais de 180 mil exemplares, distribuídos todos os meses em cerca de

ANÁLISE DO DISCURSO

60 mil escolas públicas de todo o país. Deve-se registrar que a CHC é o único material paradidático adotado e distribuído pelo MEC.

A publicação de “Dicas do Professor” é mais um fato a estabelecer uma relação da revista com o ensino, especialmente, com o ensino fundamental. Segundo Sousa (2000), o encarte sugere aos professores uma série de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula a partir de textos publicados na revista das crianças. Vale ressaltar que tais encartes são inseridos no interior da revista, constando apenas naquelas distribuídas pelo Ministério da Educação. Os exemplares adquiridos em bancas ou por assinaturas não os contêm.

Em termos de formatação, o encarte é composto por quatro páginas. Na primeira, há o editorial e as seções sobre a temática a ser desenvolvida. Nos encartes que compõem nosso corpus empírico, as seções são: Lixo: lugar certo e lugar errado; Quem vive de lixo; adubo orgânico (referentes ao número 97); Livros; Biblioteca (referentes ao número 98). Na segunda página de cada encarte, há uma breve introdução endereçada ao professor, sugerindo atividades e indicando quais materiais devem ser utilizados (registrando dentre outros, a própria CHC). Nas páginas seguintes (3 e 4), desenvolvem-se os temas de cada encarte. E, na última, além da seção específica, há um lembrete (em geral, funcionando como uma recomendação a ser seguida) e um quadro que finaliza o encarte, contendo indicação sobre os PCNs.

ANÁLISES

Em AD, não podemos recorrer a um método específico, a uma metodologia de pesquisa definida por critérios empíricos, positivistas. Orlandi (2000) indica três grandes etapas metodológicas possíveis de serem realizadas em uma pesquisa inspirada pelo quadro teórico da AD. A primeira refere-se a constituição do corpus, a segunda trata da delimitação do objeto discursivo e a terceira corresponde à investigação do processo discursivo. Cabe destacar que todas as etapas estão intimamente ligadas, assim como seus procedimentos.

Todos os passos de análise (desde a coleta do corpus até a etapa final de análise dos dados) são mediados, permanentemente, pe-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

lo quadro teórico. Dessa forma, a análise não é uma atividade final que objetiva descrever dados, mas um processo contínuo, iniciado pela constituição do corpus e finalizado pelo cotejo de determinados funcionamentos discursivos. O ponto de vista teórico é imprescindível, uma vez que baliza todo processo de análise.

O corpus, nessa perspectiva, não é considerado como um depósito de dados prontos que podem ser observados e medidos, mas uma construção de montagens discursivas que obedecem a determinados critérios teóricos da AD, em face aos objetivos da pesquisa. Como nos lembra Orlandi (2000, p. 63) "Em grande medida o corpus resulta de uma construção do próprio analista".

O objeto de análise não é algo pronto, precisa receber certos tratamentos. Há, segundo Orlandi, um primeiro tratamento de análise superficial da materialidade lingüística. Esse tratamento é, segundo a autora, fundamental para que ocorra a passagem do material de linguagem bruto ao objeto discursivo. Esse primeiro tratamento fornece pistas para a compreensão do modo de funcionamento do discurso, ou melhor, a partir desses vestígios lingüísticos a análise do processo discursivo pode ser desenvolvida.

Este primeiro momento é chamado por Orlandi (2000) de "de-superficialização" e é feito em contato direto com o texto. Para a autora,

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície lingüística (o corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto lingüisticamente de-superficializado (*Idem*, p. 66)

Ao atingir o processo discursivo, o analista recebe desse processo as indicações necessárias para compreender a produção dos sentidos. Os textos coletados – o material bruto – após o procedimento de de-superficialização desaparecem, cedem seu "lugar à compreensão de todo um processo discursivo do qual eles fazem parte" (*idem*, p. 72). É o processo discursivo que possibilita ao analista compreender a produção de sentidos.

Da análise dos processos discursivos relacionada às formações discursivas distintas resulta o produto da análise. Tem-se com esse produto, segundo Orlandi, a "compreensão dos processos de

ANÁLISE DO DISCURSO

produção e de constituição dos sujeitos em suas posições" (*idem*, p. 72). Guiados por tal perspectiva metodológica, apresentamos algumas análises das "Dicas do Professor".

O Editorial

Antes mesmo de iniciar a análise do editorial, como também das demais partes do encarte, achamos relevante iniciar nossas análises pelo título. Em "Dicas do professor", destacamos o adjunto adnominal do professor que, do ponto de vista sintático, seria um sintagma preposicional de função adjetiva. Tal sintagma acrescentaria à construção ou uma noção de referência (dicas próprias de professor) ou uma noção de finalidade (dicas para o professor). Sabemos que, do ponto de vista discursivo, o lingüístico é a base material para os processos discursivos, que, por sua vez, são constituídos pelas relações sócio-históricas. Em outros termos, os sentidos não estão colados às palavras.

Logo abaixo do título, temos a seqüência:

Não pode ser vendido separadamente
Parte integrante da Ciência Hoje das Crianças n ...

Inserir-se o encarte como parte integrante da revista, proibindo (pelo uso da negação) sua venda separadamente. Tal enunciado acaba por constituir o encarte como uma seção da revista²⁰. Embora a revista possa ser vendida "separadamente" em jornaleiros ou por assinatura, para o encarte, o contrário não é permitido. Dessa forma, poderíamos construir a seguinte paráfrase:

(O manual) Não pode ser vendido separadamente
Parte integrante d(o) material paradidático)

Entendemos que, a partir dessa paráfrase, a revista/material paradidático pode ser vendido separadamente para o leitor (criança/aluno), já o material do professor (constituído de encarte/manual e revista/material paradidático) só pode ser vendido em conjunto. Cu-

²⁰ Em termos gráficos, observamos o uso de desenhos que seguem o mesmo padrão da revista – mesmo sendo para o professor, os desenhos são infantis (nesse ponto, poderia se falar em infantilização do professor?)

riosamente, o aluno das escolas públicas tem acesso à revista e ao encarte.

No editorial, o professor é interpelado como interlocutor (observado no vocativo “Caro professor”). O recorte discursivo aqui operado obedece a um reconhecimento de verbos e locuções verbais (ponto da materialidade lingüística que permite identificar os agentes e pacientes das ações propostas pelo editorial). Inicialmente, a revista oferece as “dicas” ao professor, que, como um agente passivo, deve recebê-las e implementá-las em sua sala de aula. Em seguida, o professor é interpelado a ser o agente das “Dicas”, pois deve enviar depoimentos sobre o desenvolvimento atividades propostas, como também sugestões e conteúdos a serem tematizados pela revista. Não nos esquecendo que as sugestões do professor passarão pelo crivo editorial da revista (“indicações de atividades e conteúdos aqui tematizados”- Dicas do Professor nos 97 e 98). Podemos, portanto, dividir o editorial, em relação às ações atribuídas à revista e ao professor, em dois momentos²¹. Vejamos o quadro abaixo:

Ações atribuídas à revista e ao professor:

1º momento	CHC	VOCÊ (professor)
	trazer sugestões	receber sugestões para saber usar a CHC
	fornecer elementos para enriquecer a prática pedagógica	ter a prática pedagógica enriquecida
	dar sugestões	adotar/explorar as sugestões dadas
2º momento	CHC	VOCÊ (professor)
	contar com a colaboração do professor	escrever sobre o desenvolvimento e utilização das atividades propostas e enviar sugestões

Em um primeiro momento, podemos interpretar o adjunto “Dicas do professor” ora como “dicas para o professor”, ora “dicas de professores”. Os sentidos, como nos lembra Pêcheux (2002), não são logicamente estáveis, ou melhor, não estão organizados sob a lógica disjuntiva (ou, ou), mas se estabelecem na contradição, no equívoco.

²¹ Vale destacar que esses momentos não são estanques, de fato, eles se recobrem.

ANÁLISE DO DISCURSO

Introdução ao tema do encarte

Na página 2, em um quadro que aparece no topo, há um trecho introdutório que designamos de *Introdução ao tema do encarte*, embora o lexema “professor” apareça em destaque no início do parágrafo, grafado com fonte maior e espaço diferenciado. Ao observar a materialidade lingüística, recorremos como marcas às pessoas discursivas. Identificamos que o locutor ora se apresenta utilizando a desinênciade de primeira pessoa do plural, tais como em: “*Nestas Dicas estamos sugerindo*”; “*é sempre recomendável que as atividades aqui propostas*”, “*Todos sabemos como a leitura*”²²; ora a designação da própria revista (*Ciência Hoje das Crianças*). O interlocutor, no caso o professor, é interpelado pelo pronome *você*.

Nas seqüências discursivas abaixo, podemos verificar como o professor é interpelado.

SD1: “uma série de atividades de reciclagem para **você** fazer com sua turma” (Dicas do Professor, CHC n° 97, 1999).

SD2: “**Você** mesmo pode estimular as atividades de leitura de seus alunos” (Dicas do Professor, CHC n° 98, 1999).

SD3: “Se **você** tiver oportunidade, consulte-os”. (Dicas do Professor, CHC n° 97, 1999).

Na seqüência 1, o professor é “levado” a realizar a atividade proposta com sua turma e, na seqüência 3, é “convidado” a consultar um artigo sobre lixo publicado na CHC n° 14. Nessas seqüências, a atividade a ser realizada destina-se exclusivamente ao professor. Produz-se a imagem daquele que é guiado a fazer e não de produzir atividades, ou melhor, um implementador de atividades, como também daquele que, por não ter tempo disponível, poderá ou não consultar a revista. Em sendo a CHC uma revista de divulgação científica destinada a crianças, qual o motivo que levaria um professor a consultá-la?

²² Nessa seqüência, é possível dizer que o NÓS abrange tanto o locutor quanto o interlocutor. Para Indursky (1997), o NÓS tem amplitude referencial, pois o “locutor pode associar-se a referentes variados, sem especificá-los lingüisticamente, daí decorrendo a ambigüidade de seu dizer (p. 66).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Apesar de o pronome *você* aparecer em várias seqüências, ao longo da materialidade textual, também encontramos em sua forma plural (*vocês*). Vejamos as seqüências que se seguem:

SD4: “É muito importante, antes de realizar as atividades, que **vocês** pensem sobre aquilo que acabou sendo um problema para as grandes cidades” (Dicas do Professor, CHC n° 97, 1999).

SD5: “**vocês** poderão conhecer mais sobre o Proler pelo site” (Dicas do Professor, CHC n° 98, 1999).

SD6: “uma ocasião para **vocês** analisarem também o lixo produzido na escola e na casa dos estudantes” (Dicas do Professor, CHC n° 97, 1999).

Constatamos que a mudança lingüística estabelecida entre singular/plural, mais do que acrescentar idéia de quantidade, produz outros sentidos. Nessas seqüências, retoma-se a atividade conjunta: professor e sua turma. O professor não chamado apenas para implementar as “dicas”, mas, sobretudo, para realizar as atividades com seus alunos, dessa forma o pronome *vocês* seria a soma professor mais alunos. Entendemos que há um deslizamento de sentidos, uma vez que o professor acaba assumindo também uma posição de aluno.

Outra marca lingüística muito recorrente é o imperativo. Encontramos em todas as sugestões, como por exemplo: “faça com a turma algumas atividades tendo como tema “o lixo”; “divida a turma em grupos e peça-lhes que leiam o artigo em voz alta”. O uso do imperativo, comuns em instruções de uso, funciona, nas “Dicas”, como um “saber-fazer”. O professor precisa saber, ser instruído, receber sugestões de atividades, para poder fazer com sua turma.

ANÁLISE DO DISCURSO

O encarte e os PCNs

Ao final, após várias sugestões de atividades (conforme cada tema do encarte), há um quadro que apresenta o seguinte enunciado:

Uma contribuição para melhor compreensão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da experiência da Ciência Hoje das Crianças. Dê também a sua dica.

A ambigüidade presente no título do encarte também pode ser encontrada no trecho acima. Afinal, a contribuição para o entendimento dos PCNs seria decorrente da experiência da revista (editor, equipe jornalística) ou da experiência do professor? Voltando à questão posta na seção 3.1, parece possível, após as análises, interpretar o adjunto “Dicas do professor” como, fundamentalmente, “dicas para o professor”.

Além deste aspecto, encontramos na materialidade textual uma possível justificativa para edição dos encartes. Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram implementados pelo MEC em 1999. Organizados em torno de temas transversais que devem passar pelas diferentes áreas de ensino, os PCNs têm como objetivo oferecer parâmetros ao ensino fundamental. Vale lembrar que a política do MEC para avaliação de livros didáticos estabelece que os livros devam estar de acordo com os PCNs.

A revista, por ser distribuída gratuitamente pelo MEC a várias escolas públicas como material paradidático, destaca, em sua materialidade textual, um vínculo com esse órgão público que é o seu maior consumidor. Tal vínculo acaba por transformar o encarte em um instrumento de implementação da política pedagógica do MEC e, de certa forma, endossá-la.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Com esse trabalho, propomos identificar o leitor da revista CHC. Observamos, a partir das análises realizadas de dois encartes de “Dicas do Professor”, que a revista apresenta dois leitores: o aluno do ensino fundamental e os professores. Para os alunos, a revista funcionaria como material de apoio para realização para atividades escolares e para o professor como suporte para elaboração de suas aulas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As “Dicas do Professor” estão inseridas em uma revista infantil de divulgação científica. Entendemos que, embora a revista seja considerada de divulgação científica, as “Dicas do Professor” parecem aproximar ao discurso pedagógico, no que diz respeito às instruções de uso, modos de usar comuns em manuais pedagógicos para professores.

Pode-se dizer que as “Dicas do professor” são endereçadas para um professor imaginariamente construído como um interlocutor que precisa receber um material de instrução, um manual que indique atividades passo a passo. Cria-se a ilusão que as “Dicas” também são do professor, como se ele fosse um cooperador das atividades ali propostas.

Assim como Pfeiffer, observamos que a revista apresenta um funcionamento da mesma ordem do livro didático. Usando as palavras de Pfeiffer (2004), é possível observar “um mesmo processo discursivo fundando o modo de se trabalhar como texto de divulgação na sala de aula e o modo de se trabalhar com o livro didático”. Tal paralelismo, em nosso corpus, pode ser identificado nas sugestões de atividades aos professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e outras vozes*. Campinas: UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

———. Linguagem, ciência, sociedade: o jornalismo científico. In: *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

MOIRAND, Sophie. Formas discursivas da difusão de saberes na mídia. *RUA- Nudecri*, Campinas, 6: 9-24, 2000.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3ed. Campinas: Pontes: 2002.

PFEIFFER, Cláudia. Escola e divulgação científica. In: GUIMARÃES, E. (org.) *Produção e circulação do conhecimento*. v. 1. Campinas: Pontes, 2001.

ANÁLISE DO DISCURSO

———. *A presença do jornal na escola: compartilhando saberes – escola, instrumentos lingüísticos e divulgação científica*, 2004 (mimeo).

SOUSA, Guaracira G. *A divulgação científica para crianças: o caso da Ciência Hoje das Crianças*. 2000, 305 f. Tese (Doutorado em Química Biológica) – Instituto de Ciências Biológicas, UFRJ, Rio de Janeiro.